



A REVISTA

SUPLEMENTO DO NOVAS DA GALIZA / NÚMERO 2



MULHERES EM **MARCHA** ATÉ TODAS SERMOS **LIVRES**



À estética emocionante das paisagens graníticas do Pindo ou do Jurés, haveria que acrescentar o sábio aproveitamento que deste recurso se fiço na tradição construtiva do nosso país, mas a pedra também foi o suporte com que os nossos devanceiros deixáram a pegada das suas crenças e da sua relação com o além em forma de lendas, petróglifos, mamoas, cruzeiros e as mil e umha capelas que inçam o nosso território

A paisagem granítica da Galiza (II)

Primeira entrega da série 'Percorrendo as paisagens galegas'

SERAFÍN RGUEZ. GLEZ. / Quando percorremos a nossa terra, um facto que nos deixa de nos chamar a atenção é a presença constante da pedra, elemento fundamental e definidor da nossa paisagem natural, entendida esta última como o quadro em que se inscrevem as nossas actividades e responsável por muitos dos traços mais singulares da nossa cultura.

À estética emocionante das espectaculares paisagens graníticas do Pindo ou do Jurés, haveria que acrescentar o sábio aproveitamento que deste recurso se fiço na tradição construtiva do nosso país, mas a pedra também foi o suporte com que os nossos devanceiros deixáram a pegada das suas crenças e da sua relação com o além em forma de lendas, petróglifos, mamoas, cruzeiros e as mil e umha capelas que inçam o nosso território. Uso e valor da pedra que temem o seu cume na espectacularidade do Pórtico da Glória ou do magnífico barroco galego. Hoje, mais pragmáticos, a pedra continua a estar presente como um dos recursos endógenos fundamentais na economia de muitas das nossas comarcas: eis os casos clássicos do Porrinho ou da comarca do Vale d'Eorras.

Talvez umha das rochas mais representativas desta paisagem seja o granito, pedra que, para além do seu indubitável valor económico, gera umha das paisagens mais singulares da nossa geografia e que os afeiçoados a passearem polo monte quase sempre temem como elemento de referência visual.

Cumpra, pois, fazer umha breve aproximação da sua origem e da sua morfologia para poder ler melhor a imagem que temem perante os nossos olhos de excursionista.

Se tivermos que assinalar os traços gerais do relevo galego, deveremos falar dumha sucessão de serras, vales, depressões, planícies e rias, com umha disposição que contribuiu secularmente para o isolamento e á compartimentação do nosso território. Fazendo parte do mesmo e adquirindo um protagonismo próprio estão as paisagens graníticas, paisagens que surgem como resultado da erosão química e mecânica desta pedra, dando lugar a umhas formas de singular beleza e profundo carácter evocador: castelos, domos, penedos, barrocais, pedras cavaleiras e de abalar, pias, galheiros, cacholas, marmitas de gigante... som alguns destes elementos singulares que aparecem á nossa passagem em qualquer rota ou percurso que façamos.

Um pouco de história

Para conhecermos a origem desta rocha, deveremos fazer um pouco de história geológica; assim, o primeiro que temem de conhecer é que a actual Galiza está assente sobre os terrenos mais antigos da Península formados por materiais pré-cámbricos e primários.

Será no primário, há uns 2000 milhões de anos, quando dos mares que cobriam grande parte da actual Galiza, e por extensão do resto da actual Península, vam surgir como consequência da orogenia hercínica as primeiras cordilheiras que se encostaram aos primitivos núcleos pré-cámbricos que afloravam no noroeste peninsular. O novo relevo assim formado que terá a sua prolongação por terras da Meseta e do Norte e Oeste da Europa, será posteriormente arrasado e aplanado até que, na era Terciária (há uns 65 milhões de anos) a orogenia alpina o rejuvenescerá, fracturando e falhan-



do aquela primitiva superfície de erosão, da qual surgirám os traços definitivos do relevo galego. Finalmente, as condições climáticas do Quaternário darám o seu retoque final em forma de terraços aluviais, rasas costeiras e das múltiplas formas de modelagem ocasionada pola acção mecânica do gelo, tal como hoje é visível nos sectores mais elevados das montanhas da Galiza oriental e sul-oriental.

A origem dos nossos granitos

Durante este processo evolutivo é quando vam surgir os nossos granitos, rocha heterogénea formada por três minerais o quartzo, a mica e o feldspato. A origem da maior parte dos mesmos está associada á intensa actividade magmática que tivo lugar na era primária como consequência da citada orogenia hercínica. Assim, ao mesmo tempo que se formavam essas primeiras montanhas fôrom ascendendo enormes plutons graníticos que pouco a pouco foram solidificando no interior da Terra. Com o decorrer do tempo, estas massas graníticas acabárom por aflorar ao exterior formando o quadro pétreo da maior parte da Galiza ocidental.

Os granitos assim formados tendem a se fracturar ou se diaclasar

devido a múltiplos factores; estes tendem muito a ver com alguns aspectos da natureza mesma desta rocha, como é a sua rigidez, que dará lugar a que, perante os esforços tectónicos, responda fracturando-se. Também os fenómenos de descompressão favorecem a formação de diaclases, ocasionadas ao ser libertada a massa granítica das pressões às quais puido estar submetida em profundidade, provocando a sua expansão e posterior diaclasagem.

O resultado será o que este nos mostra na natureza, aparecendo fracturado e diaclasado por toda a parte. Estas diaclases tendem a cortar-se tanto perpendicularmente, na forma de retícula, como a seguir planos paralelos dando, neste caso, lugar á separação do granito em lajes ou escamas, como se dumha cebola se tratar. Desta singularidade decaatárom-se os construtores das mamoas quando procuravam as lajes com as que fazer as antas ou os nossos canteiros no momento de desprender e cortar a pedra, ao buscar o seu "andar".

É, partindo desta predisposição do granito, como ao longo das diferentes eras geológicas e das seguintes mudanças climáticas que se sucederom como se irá desenvolver

As paisagens graníticas

O primeiro que nos chama a atenção quando nos aproximamos de muitas rochas graníticas é que, apesar da sua aparente resistência, esta desfaz-se nas nossas mãos como se estivesse podre: é o xabre. O mesmo reflecte um processo de alteração química em que a água, aproveitando esse sistema de fracturas e diaclases, começa a alterar os minerais mais frágeis, o feldspato e a mica. As condições mais propícias para este processo costumam verificar-se em climas cálidos e húmidos, características muito semelhantes às de certos climas tropicais e que nos venhem a falar da existência dos paleoclimas que afectárom a Galiza noutras eras geológicas. A rocha assim alterada deu um produto, o xabre, que a tradição construtiva galega soubo aproveitar com acerto pola sua capacidade como isolante da humidade (estuques, juntas das casas, pisos térreos) ou para poder levar a cabo certas obras de alvenaria ao actuar como elemento de cimentação da pedra. Este processo de alteração é que explica a origem de boa parte da nossa morfologia granítica, alguns de cujos exemplos (como penedos, domos, pedras cavaleiras, barrocais, cristas...) comentaremos em próximas entregas.



Em Marcha até todas sermos livres!

FOTO-REPORTAGEM



FOTOS E TEXTO: DE MARIOLA MOURELO
Entre os dias 14 e 21 de Outubro tivo lugar o VII Encontro Internacional da Marcha Mundial das Mulheres em Panxom, Vigo, onde 150 delegadas de mais de 60 países debatêrom o plano estratégico 2006-2010, que engloba os seguintes campos de acçom: paz e antimilitarismo, bem comum e acesso aos recursos, trabalho da mulher e violência contra a mulher.

As novas feministas tivêrom desta vez umha maior presença, pois todas as coordenadoras nacionais fôrom encorajadas a incluir umha jovem como parte da sua delegaçom. Desta

maneira, por volta de 30 mulheres de menos de trinta anos pudêrom contribuir para a consolidaçom do plano estratégico da MMM.

Através de reunions internas e da palestra 'Feministas novas: novas perspectivas no feminismo internacional', co-organizada pola Galiza e Portugal, as jovens tivêrom a oportunidade de compartilhar experiências sobre a situaçom actual do feminismo nas suas regions, as relaçoms com as companheiras mais veteranas e fazer balanço sobre o seu papel como delegadas no Encontro. Resolveu-se a necessidade de criar alianças entre as jovens para

evitar o isolamento, propiciando a troca de experiências e a formaçom; incorporar as inquietaçoms das mais novas na agenda feminista para que tenham nom só voz mas também voto; ver o possível conflito de geraçoms e/ou intercultural como algo positivo que pode gerar mudança e trazer cor e análise para o movimento feminista, 'O feminismo nom morre, transforma-se'; e sobretudo aceitar e celebrar a diversidade de identidades feministas procurando algo que nos poda unir a todas para continuar com a luta pola defesa dos direitos das mulheres.

O momento culminante da semana,

tanto para jovens como para veteranas, viveu-se no domingo 19, com a realizaçom de um milhadiiro simbólico formado por um círculo de sandálias-soca e pedras trazidas de todas as partes do mundo, representando a protecçom às caminhantes na sua marcha. Este acto foi seguido de umha manifestaçom de mais de 3.000 mulheres e homens, com o lema 'Mulheres em marcha até todas sermos livres' que percorreu as ruas de Vigo num cúmulo de cantos, danças e palavras de ordem, exigindo a liberdade de todas as mulheres, o fim do capitalismo e a soberania alimentar dos povos.



Palestra 'Feministas novas, novas perspectivas do feminismo internacional' com representantes das coordenadoras nacionais da Galiza, Portugal, Quebec, Brasil, Haiti e das Lerchas de Ourense



Delegada do Quebec mostrando cartaz do encontro de jovens no Canadá



Leitura do manifesto da Marcha Mundial das Mulheres no fim da manifestaçom



Reuniom das jovens delegadas em Panxom

Delegada internacional na manifestaçom

Rapaz olhando para as sandálias-socas do milhadiiro





AR (Alonso Rios)

No passado 13 de Setembro, Antón Alonso Rios recebeu em Campo Rapado (lugar da paróquia de Cortegada, Concelho de Silheda, onde em 15 de Agosto de 1887 nasceu) umha merecida e emotiva Homenagem Nacional.

A Homenagem, organizada pola Associação Sócio-cultural Adellis e a Comissom pola Memória Sinhor Afrânio com o apoio da Direcçom-geral de Criaçom e Difusom Cultural da Conselharia de Cultura e Desporto da Junta de Galiza, desenvolveu-se em duas localizações diferentes: a casa natal do homenageado e a carvalheira do lugar. A Homenagem Nacional serviu também para apresentar o Roteiro do Afrânio.

Senhor Afrânio, O Filme

A *minha vida dava um filme indiano* com certeza deveu pensar o indiano Alonso Rios (apesar de nom chegar a conhecer o Gato Fedorento) em mais de umha ocasiom. Indiano sim, mas nom Bollywoodense. Indiano no sentido de emigrante retornado (ainda que nom rico) da América, das Índias Ocidentais.

Porque em 1908, com 21 anos, Alonso Rios emigrou à Argentina de onde (com o advento da II República Espanhola é enviado, junto com Suárez Picallo, pola *Federación de Sociedades Gallegas Agrarias y Culturales*); regressaria em 1931, 13 anos depois.

Apenas 8 anos mais tarde (5 de República e 3 de Guerra Civil espanhola) empreenderia o definitivo caminho do exílio argentino nom sem antes protagonizar durante três longos anos umha inacreditável história que a contragosto, acirrado por Xosé María Álvarez Blázquez (autor e editor homenageado com as Letras Galegas 2008), relataria em *O Señor Afranio ou como me rispei das gadoupas da morte (memorias dun fuxido)*.

Este impressionante testemunho autobiográfico está a ser levado ao cinema polo polifacético Vítor Aparício, Abundância ou Coyote, que

contou com esse grande artista que é o Luís Tosar para interpretar o difícil papel do Alonso Rios, interpretando, por sua parte, o papel do Senhor Afrânio do Amaral.

Mas nom será esta a primeira vez que o Senhor Afrânio seja levado ao cinema porque, que a nós nos conste, o livro (na edição d'A Nossa Terra) já foi levado ao grande ecrã ao menos umha vez.

Em *Fronteiras*, um vizinho de Castro Laboreiro conta ao Rubên Pardiñas, guionista e director do documentário, a para ele desconhecida história do Senhor Afrânio (43:13-45:43). Sem pestanejar vai à sua casa à procura do livro, voltando daí a um pouco com ele nas suas maos (50:14-51:04).

Suicídio ou assassínio?

A estreia do filme dirigido por Vítor Coyote e protagonizado por Luís Tosar está prevista para finais de Outubro, mês em que se comemora o vigésimo oitavo aniversário da morte em estranhas circunstâncias (igual que o seu predecessor na presidência do Conselho de Galiza, Afonso R. Castela) de Antón Alonso Rios. À morte de Castela (que nom conseguiu sobreviver mais de três dias à lobotomia à que foi submetido em 4 de Janeiro de 1950 para em teoria aliviar-lhe as dores produzidas por um suposto cancro de pulmom, mmm) Antón Alonso Rios sucede-o no cargo de Presidente do Conselho de Galiza. Se fôssemos como os cataláns e os bascos, se nom morássemos noutra Galáxia, em 1978 Antón Alonso Rios, Presidente do Governo Galego no exílio, teria sido o primeiro Presidente da Junta pré-autonómica em vez do grande cacique Antón Rosón. Mas naquela altura ninguém se lembrou do bom e generoso Antón Alonso Rios que morreria apenas dous anos depois, em 12 de Outubro de 1980, Dia de la Hispanidad. Segundo umha pouco divulgada versom oficial (suspeitosamente nengumha das fontes consultadas -*Gran Enciclopedia Gallega, Gran Enciclopedia Galega, Enciclopedia Galega Universal, Galipedia...*- fam referência a este dado) AR tirou-se a vida (aos 93 anos!!!) atirando-se às vias do trem (o primeiro em contar esta trágica história foi polos vistos o escritor e jornalista Manuel Rivas num artigo, intitulado *El Tercer Hombre*, que traduzido ao galego e parcialmente reproduzimos na nossa página Web). Há quem queira ver a maos negra da I.T.A. atrás das mortes dos dous únicos presidentes que o Conselho de Galiza tivo. Talvez ao longo do próximo ano, em que as Letras Galegas se dedicam ao seu super-agente Ulm Roan, assistamos à desclassificação dalgum documento que confirme este boato. Estaremos alerta!

Jenaro Jesus Marinho (do Vale)

Ridiculismo contra a 'imposiçom' do galego

Imagens da manifestaçom do domingo 19 de Outubro na Corunha



TERESA DÍAZ



TERESA DÍAZ



TERESA DÍAZ